

## ENSINO E APRENDIZAGEM DA ETNIA APINAJÉ ANTES DA IMPLANTAÇÃO DAS ESCOLAS NO TERRITÓRIO DA ALDEIA PRATA

APINAGE, Alan Dias da Silva Apinagé<sup>1</sup>; ALMEIDA, Rejane Cleide Medeiros<sup>2</sup>

### RESUMO

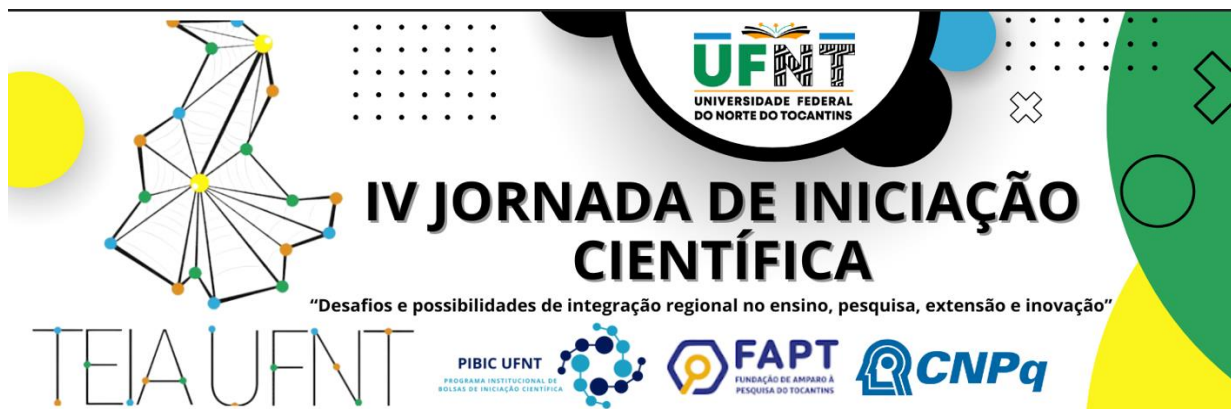
O plano de trabalho vincula-se a pesquisa desenvolvida no grupo de pesquisa e extensão popular Kátam do curso de graduação em Educação do campo: artes da UFNT cadastrado no CNPQ. O tema nasce em um debate com os discentes do grupo de estudo e pesquisa que pensam em compreender como era o ensino e a aprendizagem antes da chegada da escola na aldeia São José e aldeia Prata. Em relação ao território de pesquisa será desenvolvida na aldeia Prata, localizada próxima a Tocantinópolis.

**Palavras-chave:** Educação do Campo; Aldeia Prata; Território.

---

1 Bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC/PIBITI). Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Educação, Humanidades e Saúde. e-mail: Vanderlan.apinage@ufnt.edu.br

2 Orientadora do Programa de Iniciação Científica (PIBIC). Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de XXXX. e-mail.

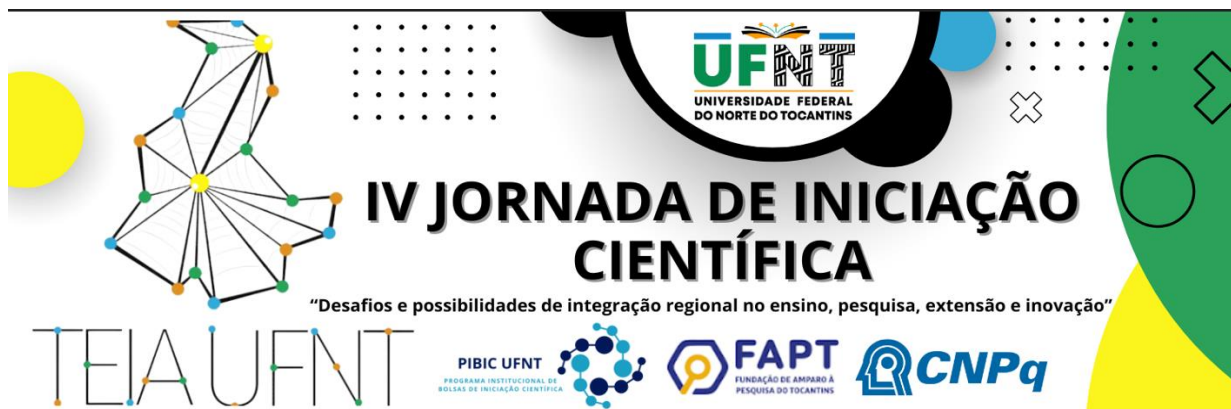


## I. INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

A etnia indígena Apinayé localiza-se no extremo norte do estado do Tocantins no município de Tocantinópolis (TO). “A família linguística é o Jê a língua materna é o Apinayé. São classificados como Timbiras Ocidentais, além de serem caracterizados por ter uma organização social com vários sistemas de metades cerimoniais” (TORRES, 2020, p.36).

Em relação à pesquisa verificaremos se há um diálogo entre os saberes ancestrais e as práticas educativas desenvolvida na escola localizada no interior da aldeia Prata. Como interlocutoras (os) desta pesquisa, destacamos que pertencem a um grupo étnico.

Enquanto grupo étnico os apinayé possui um conjunto de territorialidades formados por práticas culturais, que Alfredo Wagner B. de Almeida (2004, p.10), vai definir como sendo “[...] fator de identificação, defesa e força. Laços solidários e de ajuda mútua informam um conjunto de regras firmadas sobre uma base física considerada comum, essencial e inalienável, não obstante disposições sucessórias porventura existentes”.

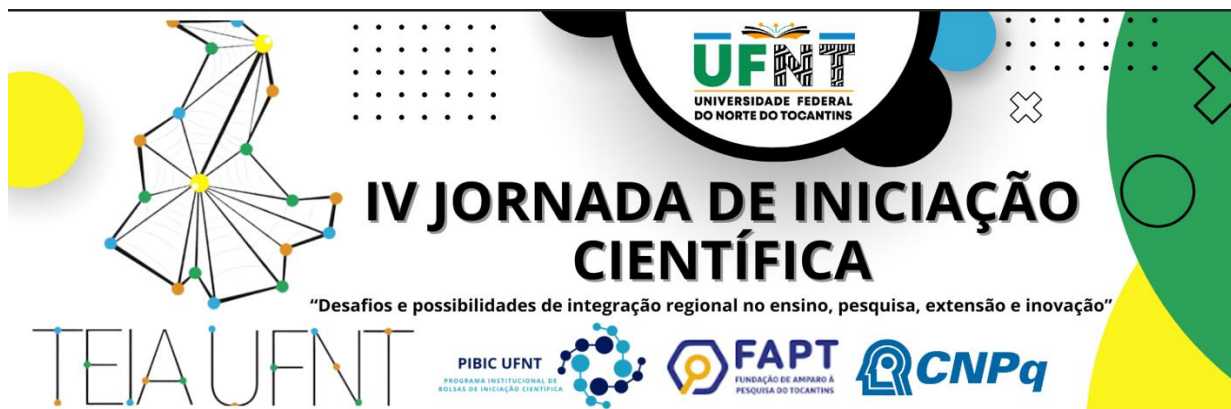


## II. BASE TEÓRICA

Portelli (1997) define história oral enquanto ciência. Isso implica no registro da memória. Sendo que “[...] a memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados”. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas [...]” (Portelli, 1997, p.16) por esta razão é que justificamos a escolha da história oral e das narrativas, por possibilitar análise dos processos históricos, padrões culturais e, sobretudo das estruturas sociais em que as interlocutoras desta pesquisa se constituem como protagonistas.

Paul Thompson (1992, p.137) destaca que a utilização de “fontes” que estão “vivas”, são possibilidades de conhecer as experiências vivenciadas e, apresentam relações com relatos que estão condicionados às memórias. Nesse sentido é que conhecer as vivências no território e os diálogos realizados por meio da memória, e a forma em que os saberes dos anciões contribuem com a produção de conhecimentos no currículo da escola seus sentidos e significados é que corrobora com que o autor trata sobre a importância das fontes orais.

Sobre o território, mobilizamos, Paul Little (2003, p. 254), no qual afirma que, para entender um território faz-se necessário “[...] analisar o território de qualquer grupo, portanto, precisa-se de uma abordagem histórica que trate do contexto específico em que surgiu e dos contextos que foi defendido e/ou reafirmada”.



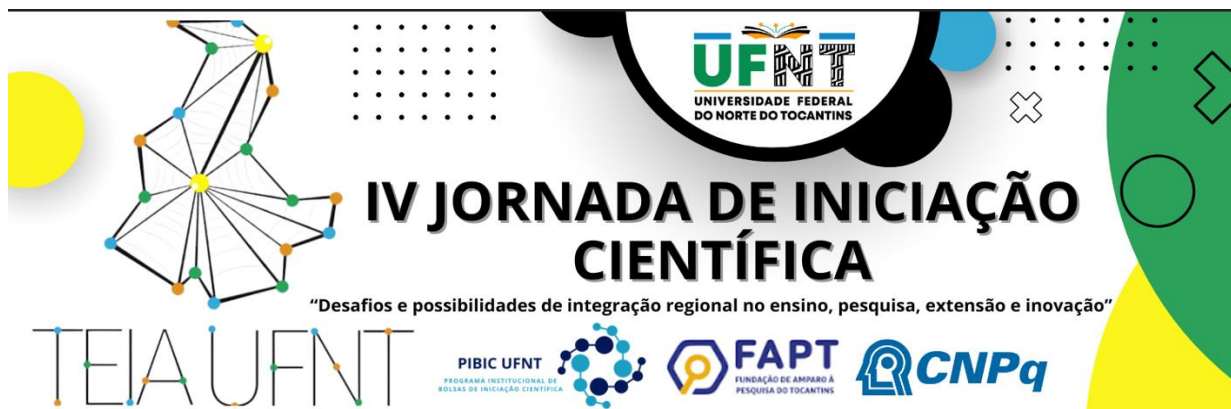
### III. OBJETIVOS

#### Objetivo geral

Compreender como era o ensino e a aprendizagem da etnia Apinajé antes da implantação das escolas no território da aldeia Prata

#### Objetivos Específicos

1. Identificar como era o ensino e a aprendizagem entre os anciãos e os mais novos em relação com os saberes da etnia apinajé na aldeia Prata
2. Inventariar os cantos da etnia apinajé como forma de aprendizagem
3. Analisar como se dava a aprendizagem da etnia apinajé antes da chegada da escola na aldeia Prata



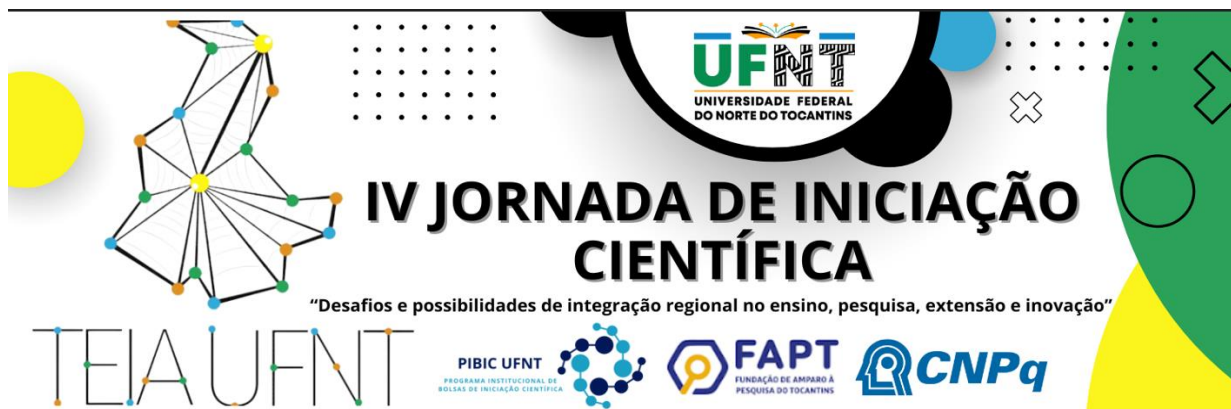
#### IV. METODOLOGIA

Como proposta para a metodologia de pesquisa optamos pela História Oral, como método de investigação, possibilitando conhecer as vivências no território e os diálogos que proporcionem por meio da memória ouvir os anciãos sobre como era o ensinar e aprender antes da chegada da escola na aldeia. Sobre o mesmo tema. Portelli (1997) define história oral enquanto ciência. Isso implica no registro da memória. Sendo que “[...] a memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados”. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas [...]” (Portelli, 1997, p. 16).

Por esta razão é que justificamos a escolha da história oral e das narrativas, por possibilitar análise dos processos históricos, padrões culturais e, sobretudo das estruturas sociais em que as interlocutoras desta pesquisa se constituem como protagonistas. As entrevistas semi estruturadas possibilitam compreender como se dava o ensinar e o aprender antes da chegada da escola na aldeia Prata, por meio das memórias dos anciãos, suas dinâmicas culturais. E, por fim, a sistematização das entrevistas. Na segunda etapa da pesquisa, realizamos visitas de campo ao território apinajé em Tocantinópolis (TO).

Os dados serão gerados usando duas técnicas de produção: a história oral de vida e a história temática. A história de vida é uma técnica da História oral em que, com a ajuda de um roteiro aberto, produz-se através da parceria sujeito pesquisador/sujeito com quem se pesquisa uma narrativa biográfica (Thompson, 1991; Alberti, 2013). Quanto as entrevistas serão transcritas e analisadas à luz dos objetivos da pesquisa. Enquanto na terceira etapa da pesquisa, trataremos sobre inventariar as formas de ensinar e aprender antes da chegada da escola na aldeia Prata.

Os dados produzidos serão, depois de organizados e categorizados, contextualizados e confrontados com as hipóteses teóricas que sustentam a proposta de pesquisa. Além dos relatórios parcial e final, objetiva-se escrever um artigo com os resultados dessa etapa da pesquisa, além de participação em eventos para compartilhar os resultados.



## V. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi pesquisado com alguns anciãos sobre a educação, foi importante saber como era o ensino e aprendizagem na época dos mais velhos, quando não tinha escola no território apinagé. Essa pesquisa gerou grande curiosidade para aprofundar nessa educação das pessoas mais velhas da comunidade em comparação com a educação atual. Na investigação da educação na época que não tinha escola no território, eu entrevistei a Dona Terezinha Apinagé, pois na sua época a educação sempre foi considerada parte integrante da vivência na nossa comunidade, não existia a diferença entre espaços de educação formal e informal, e assim ela se tornou uma mestra muito respeitada. A mestra Terezinha falou um pouco da trajetória como era educação na época:

Figura 01: Dona Terezinha Apinagé, 90 anos



Fonte: Alan, Apinagé, 2024

Na minha época a educação não era como hoje, não tinha professor e não sabia o que era educação, mas como que não tinha ninguém pra tá ensinando eu fiquei na cantoria no pátio com os mais velhos ouvindo as histórias, então aprendi isso na época (Dona Terezinha Apinagé, 2024).

UFNT  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO NORTE DO TOCANTINS

# IV JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

“Desafios e possibilidades de integração regional no ensino, pesquisa, extensão e inovação”

TEIA UFNT

PIBIC UFNT  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE  
BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

FAPT  
FUNDAÇÃO DE AMPARO À  
PESQUISA DO TOCANTINS

CNPq

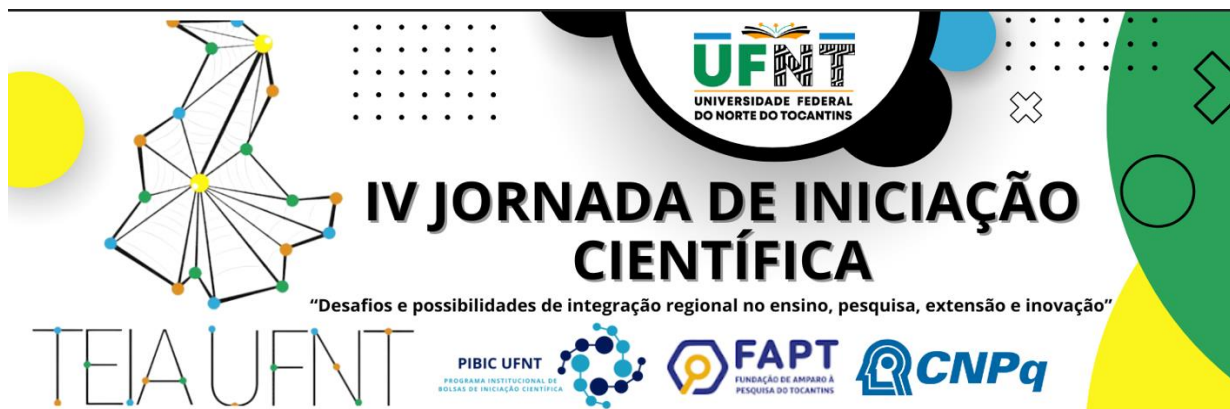
Outra pessoa entrevistada foi o cacique da minha Aldeia, o Joel Apinagé que representa uma liderança que vivenciou essa transição entre a época da ausência da escola na comunidade até a instalação do ensino considerado formal.

Figura 2. Cacique da Aldeia Prata Joel Apinagé.



Fonte: Alan Apinagé, 2025

Joel falou um pouco sobre a educação na época dele, onde já se encontra com estrutura, já tinha o ensino dentro da escola, tinha professor de português e professor língua indígena, desse tempo o ensino formal vinha avançando de uma forma que os alunos aprende e frequenta a escola que na época não tinha esse ensino dentro da comunidade e hoje tá está fácil, tem alunos indígenas na faculdade para aprender mas conhecimento que na época nossas avós e avô não tinha essa educação de qualidade que hoje a gente vê melhorar.

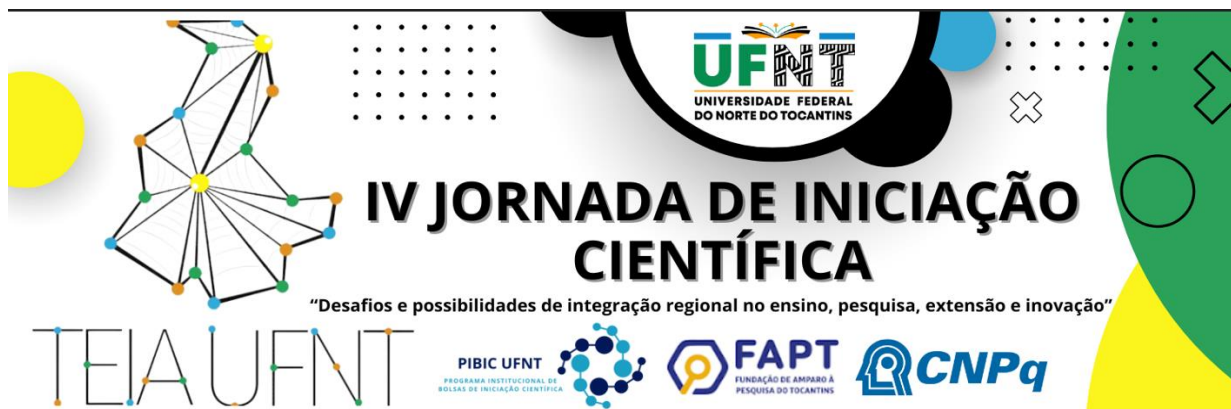


## VI. CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Presidente da Associação, cacique, Joel Dias nos informa sobre a importância das lutas do povo apinajé, especificamente a pauta da Educação, destacando o conteúdo, as virtudes e os desafios das escolas indígenas nas comunidades apinajés. A educação tradicional relatada pelos mais velhos e mais velhas, e quais conhecimentos necessários para uma educação escolar Apinajé, levando em consideração os conhecimentos tradicionais da cultura e modo de vida panhi dos nossos ancestrais que são repassados para novas gerações.

Antes da chegada da escola nas aldeias Apinajé, no caso, a Aldeia Prata, tem seu modo de se organizar, de interagir, de viver, de se educar no seu próprio território antes da chegada da escola na comunidades, já tinha os nossos professores que não sabiam ler e escrever, que são os nossos anciões e anciãs, pois eles não tinham acesso a escola, mas, tem os seus conhecimentos para ensinar tudo que acontecia no pátio da aldeia, onde é repassado a troca de saberes. É, onde as nossas crianças, jovens, adultos aprendem a cultura desde cedo, como os artesanatos, corva, esteira, pinturas corporais, medicina tradicionais, e festa cultural, que é da natureza em que vivemos. Tudo, por meio do cotidiano com as nossas mestras/es que são biblioteca do povo apinajé, pois tem os conhecimentos na memória, que é repassado pela história oral.

Hoje a escola está implantada na nossa comunidade, mas não ensina os nossos saberes tradicionais, ensina os conteúdos dos não indígenas e menos dos nossos conteúdos, dos saberes tradicionais. Não precisamos a educação física, do não indígena, pois, já temos a corrida de tora, corrida de flecha, da tradição de várias modalidades tradicionais. Não queremos excluir a língua portuguesa, queremos que



os dois caminham juntos, mas com as mesmas quantidades de matérias, tanto de não indígena, e dos saberes tradicionais.

## VII. REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Terras tradicionalmente ocupadas - processos de territorialização e movimentos sociais. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 6, n. 1, maio de 2004.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a História Oral. Projeto História 15. São Paulo, 1997.

TOMPSON, Paul. A voz do passado: História Oral. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1991

TORRES, Carina Alves. Mulheres indígenas apinajés: trajetórias socioespaciais em Tocantinópolis (TO). Dissertação de mestrado programa de pós-graduação em Estudos de cultura e território. Araguaína, TO, 2020.

## VIII. AGRADECIMENTOS

Eu Alan agradeço a professora Rejane Medeiros por essa pesquisa que está sendo feita na comunidade apinajé, considero como uma forma de nós fortalecer que estamos no processo de formação, na graduação da Educação do Campo, essa pesquisa contribuiu para nossa profissão enquanto professor educador na nossa comunidade. Quero agradecer ao CNPQ pelo apoio.